

UM ENSAIO GEOGRÁFICO SOBRE O OLHAR DO FLÂNEUR NA CONTEMPORANEIDADE

A geographical essay on the flâneur look in contemporaneity

Daniela Florêncio da Silva¹

RESUMO

Este ensaio, composto após as primeiras construções para a pesquisa do doutorado, reflete sobre a flânerie do geógrafo(a) na contemporaneidade, inspirado pelas experiências de grandes autores de diferentes áreas de conhecimento, nas quais o caminhar e o flânar revelaram profundas contribuições teóricas desses atos de imersão entre o corpo-espaço-tempo; conceitos contínuos, como a proposição dessa estrutura indica. O seu traçado metodológico guiou-se pela revisão e levantamento bibliográfico e por vivências em “movimento”, ao longo dos anos, através do “caminhar”, em diferentes espaços urbanos repletos de significados e singularidades – tempos, formas, localizações e contextos –, com suas densas confluências espaciais.

Palavras-chave: Olhar geográfico. Flânerie. Vivências urbanas.

ABSTRACT

This essay, composed after the first constructions for doctoral research, reflects on the flânerie of geographers in contemporaneity, inspired by the experiences of important authors from different areas of knowledge, in which walk and flâne/stroll revealed profound theoretical contributions of these acts of immersion between body-space-time; continuous concepts, as the proposition in this structure indicates. Its methodological approach was guided by the literature review and survey and by experiences in “movement”, over the years, through “walking”, in different urban spaces full of meanings and singularities – times, forms, locations and contexts –, with dense spatial confluences.

Keywords: Geographical look. Flânerier. Urban experiences.

¹ Doutoranda em Geografia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Pesquisadora do Instituto de Estudos da África da UFPE. danifs_br@yahoo.com.br.
✉ Rua Capitão Médico Osias Ribeiro, n. 203, apto 101, Candeias, Jaboatão dos Guararapes, PE. 54460-015.

INTRODUZINDO O OLHAR E SUAS IMERSÕES GEOGRÁFICAS...

Como resultado das primeiras reflexões desenvolvidas durante o processo de pesquisa para o doutorado foi produzido um ensaio, como uma forma de experimentação de alguns conceitos que serão trabalhados, tendo como destaque a reflexão das dinâmicas urbanas e urbanidades existentes na cidade, “espaço-chave” das discussões do projeto de pesquisa. Sua construção teórica seguiu as feições de um ensaio, com uma estrutura de abordagem poética e sua crítica inerente, como o ritmo descompassado dos passos de um flâneur, com seu movimento lento e em suspensão, em suas diferentes percepções de tempo e de espaço, observando outras dimensões desse espaço, “sem reduzi-lo à sua dimensão material, lógica e formal” (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003, p. 6).

O seu caminho metodológico foi direcionado pela revisão e levantamento bibliográfico, por vivências urbanas e pela abordagem da fenomenologia e sua “busca” pelas “estruturas essenciais da experiência humana” (WILDE apud SEAMON, 2013, p. 5), ao “questionar radicalmente o mundo vivido e todas as teorias concebidas para representá-lo” (SEAMON, 2013, p. 6). Essas vivências foram conduzidas por um olhar geográfico, dotado do “prazer da observação” e da “contemplação da diversidade terrestre”, “atributo básico da Geografia Clássica” (GOMES, 2013, p. 8). Além do olhar, a percepção desses espaços foi desenvolvida através dos outros sentidos humanos, em uma busca pelo aprofundamento de suas compreensões. Segundo o poeta Horácio (apud GOMES, 2013, p. 9), “O poema é uma imagem que fala, a imagem é um poema silencioso”... As imagens expostas neste ensaio compõem de forma importante, os traços metodológicos dessa reflexão. São “elementos de análise” (GOMES, 2013, p. 9) que auxiliam na visualização, revelando pequenas porções dos espaços percorridos.

As imagens expostas neste ensaio compõem de forma importante, os traços metodológicos dessa reflexão. São “elementos de análise” (GOMES, 2013, p. 9) que auxiliam na visualização, revelando pequenas porções dos espaços percorridos.

CONVERGÊNCIAS... “A GEOGRAFIA SE FAZ ANDANDO E PENSANDO”²

O movimento dos seres humanos no mundo, historicamente, desenvolveu configurações diversas, seja através dos processos complexos de uma migração ou das caminhadas. Caminhantes de ilustres sensibilidades como Nietzsche, Rousseau, Thoreau, Rimbaud e Kant expuseram em seus importantes trabalhos, as marcas do seu contínuo ato de caminhar e os pensamentos que a partir desse ato foram estruturados (GROS, 2010). Hoje, se caminha menos, principalmente nas cidades (GROS, 2015), onde os obstáculos para essa “prática” se instalam cada vez mais. O filósofo Frédéric Gros vê no ato de caminhar uma filosofia, uma experiência em que seu verdadeiro significado é o de vivenciar uma suspensão momentânea que nos leva a refletir sobre a realidade que nos cerca, quando se imerge na totalidade de seus fatores constituintes, “porque andar nos obriga a ter uma distância que é também uma distância crítica” (GROS, 2015). Nesse contexto em que se busca uma imersão filosófica nos detalhes do trajeto, caminhar é como transpassar os espaços percorridos, vivenciar a “plenitude de Ser” (GROS, 2010, p. 182). Como muito bem ressalta Frédéric Gros (2010, p. 89):

² Pensamento expresso pelo geógrafo Manuel Correia de Andrade em uma conferência na Feira do Livro em Natal, RN, em 2004. Esse pensamento foi citado pelo Prof. Dr. Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador (2012) em seu artigo “A Geografia e o método dialético. A referência completa desse pensamento de Manuel Correia de Andrade foi enviada por email, pelo professor, em 20 de maio de 2018.

Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade
Daniela Florêncio da Silva

[...] caminhar, isso equivale a uma impregnação. Caminhar interminavelmente, fazer passar pelos poros da pele a altura das montanhas quando nos defrontamos com elas bastante tempo, respirar por horas a fio a forma das colinas enquanto deslizamos longamente por elas. O corpo se junta à terra que ele pisa. E progressivamente, dessa maneira, ele não está mais na paisagem: ele é a paisagem. Não se trata necessariamente de dissolução, como se o caminhante se dissipasse e se tornasse uma simples inflexão, uma linha suplementar daquele lugar. Porque nele de repente essa relação se ilumina. É como um instante que explode. Fogo brusco: o tempo se inflama. Aí, a sensação de eternidade consiste subitamente nessa vibração das presenças. A eternidade, aqui, tal qual faísca.

Nesse ato filosófico que é a caminhada (GROS, 2010) propõem-se, nas linhas seguintes, convergências geográficas. Frédéric Gros (2010) afirma que para caminhar é necessário apenas “um corpo, espaço e tempo”,³ e acrescenta em suas importantes análises a profunda relação filosófica então estabelecida, entre esses três elementos durante a caminhada. A concepção corpo-espaço, espaço-corpo ou, além disso, “o corpo repleto de espaço”, como a experiência do poeta Rimbaud após suas constantes caminhadas (GROS, 2010, p. 47), converge com as observações do geógrafo Ruy Moreira sobre a relação entre o “ser” e o “espaço” a partir de uma “estrutura integrada”, em uma abordagem ontológica (MOREIRA, 2015, p. 134). Para os geógrafos, esses três elementos são essenciais em suas reflexões, sobretudo, ao deslocar sua percepção para as questões fenomenológicas, que para essa ciência “indaga o sentido da inescapável imersão das pessoas no mundo geográfico” (SEAMON, 2013, p. 5).

Certos aspectos da relação entre os seres humanos e o espaço desviam o olhar dos geógrafos, como o movimento das pessoas (SANTOS, 1998) ou a produção espacial ao longo da história,

³ Citação presente na contracapa do livro de Frédéric Gros (2010).

percebendo na paisagem, por exemplo, os efeitos cumulativos do tempo (SANTOS, 2008) – história e aspectos físicos. No pensamento do geógrafo Milton Santos, cada camada da forma estabelecida revela os processos responsáveis por sua constituição e o curso que desenha as linhas de seu futuro. Para o autor:

Nesse sentido, o estudo da paisagem pode ser assimilado a uma escavação arqueológica. Em qualquer ponto do tempo, a paisagem consiste em camadas de formas provenientes de seus tempos pregressos, embora estes apareçam integrados ao sistema social presente, pelas funções e valores que podem ter sofrido mudanças drásticas (SANTOS, 2008, p. 74).

Os registros do tempo são importantes ferramentas de análise para a compreensão da Geografia de um lugar, tanto nos aspectos físicos, como nos de centralidade humana. As camadas do solo, as feições dos relevos e as construções humanas guardam geografias. Durante o processo de restauração de uma antiga residência do século XIX, para a construção do Museu Janete Costa de Arte Popular, as paredes autoportantes⁴ dessa estrutura (Figura 1) e sua alvenaria de rocha exposta, foram preservadas com a intenção de revelar o contraste entre o espaço “antigo e o contemporâneo”,⁵ assim como a experiência de vivenciar tempos distintos.

Para Neil Brenner (2018), escavar, agora no sentido do olhar mais incisivo do pesquisador, também se torna um convite para buscar as “suposições fundamentais sobre as relações de poder e os processos

⁴ As paredes autoportantes são estruturas que “apoiam todas as cargas da edificação e estão entre as estruturas mais antigas conhecidas e dominadas pelo homem” (MACE-DO, 2011, p. 40).

⁵ Reflexão de Mario Costa Santos (filho de Janete Costa, arquiteta pernambucana) durante entrevista reproduzida no site da Secretaria de Cultura de Niterói, em 2013 (MUSEU, n.d.). Disponível em: <<https://culturaniteroi.com.br/blog/?id=2191&equ=janete>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade
Daniela Florêncio da Silva

que produzem o urbano”, muitas vezes “escondidas”, encravadas em “visualizações, seja através da fotografia, cartografia ou de qualquer outra visualização do urbano”.

A reflexão sobre a busca pela compreensão dos fenômenos em seu entorno, no espaço, revela o espírito de flânerie⁶ do geógrafo(a) quando inserido no contexto das concentrações urbanas, uma vez que o ser “flâneur” não tem uma formação específica ou restrições. Existem apenas, olhares diversos que convergem durante o flânar. Sim, “o flâneur caminha”, esgueirando-se “até no meio da multidão” (GROS, 2010, p. 177). Seu caminhar “é mais ambíguo, sua resistência à modernidade, ambivalente” (GROS, 2010, p. 179), pois não se opõe às contradições percebidas, mas as subverte e as contorna, em um movimento persistente que ultrapassa limites ao “explorar a superfície poética do espetáculo urbano” (GROS, 2010, p. 181). Sua “ociosidade” “é uma demonstração contra a divisão do trabalho” (BENJAMIN, 1989, p. 199), uma resistência ao “produtivismo circundante” e ao “utilitarismo que o cerca” (GROS, 2010, p. 180). Para o geógrafo David Harvey (apud MCGARRIGLE, 2013, n.p.), “o flâneur ‘mapeia o terreno da cidade e evoca suas qualidades de vida’, tornando a cidade legível de maneira muito distinta”⁷.

Sua intrínseca relação espacial com o espaço urbano constrói uma linguagem poética de leituras apuradas desse espaço, em que por “ser o nativo com olhar de estrangeiro,” tem “a capacidade de enxergar para além do olhar acomodado

6 Derivação da palavra flâneur. Para o autor Frédéric Gros (2010), a flânerie supõe concentrações urbanas desenvolvidas durante o século XIX com o avanço da industrialização, e que com o passar dos anos adquiriram grande expressividade.

7 Tradução livre de: “the flâneur ‘maps the city’s terrain and evokes its living qualities’, with the city “rendered legible for us in a very distinctive way”.



Figura 1 – As camadas históricas do século XIX expostas no Museu Janete Costa em Niterói, RJ
Fonte: Z. B. Freire, 11 set. 2018.

e conformado do senso comum” (BIONDILLO, 2014, p. 17). Essa relação ocorre através de uma retribuição de olhares, “pois a cidade também pisca para o flâneur”, em resposta a “todos os outros tantos olhares que se depositaram e que jazem esquecidos em cada pedaço, cada fragmento, cada passagem, cada monumento da cidade” (BIONDILLO, 2014, p. 17).

OS ASPECTOS DA CONTEMPORANEIDADE EM PAISAGENS URBANAS: A VIVÊNCIA DO CHOQUE E SUBVERSÕES...

O caminhar entre paisagens naturais dá lugar às caminhadas urbanas com seus ritmos “entrecortados e irregulares” (GROS, 2010, p. 177), espaços

Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade
Daniela Florêncio da Silva

descontínuos e atmosferas diversas, seja em bairros que se tornam recantos históricos e poéticos como o bairro do Poço da Panela em Recife (Figura 2), ou de segregação étnica centenária, como a do bairro de Eastleigh (Figura 3), no coração de Nairóbi. A resistência e diversidade de seus povos, o transformaram no maior centro comercial do Quênia.

Essa é a caminhada do flâneur. Para “perambular” ou “flanar” é necessária a existência de três fatores: “a cidade”, “a multidão” e “o capitalismo” (GROS, 2010, p. 177). O olhar do flâneur é então retido, pelas circunstâncias da geografia urbana caótica de muitas cidades. As suas especificidades e a sua forma de olhar são ressaltadas por Paulo Cesar da Costa Gomes (2013, p. 227-228):

Ele se movimenta pelas ruas. Sua conduta é, simultaneamente, parte do espetáculo que ele observa. Há uma reflexividade básica nesse olhar que observa e é observado. Sua atitude é em tudo semelhante à dos outros passantes que atravessam a cidade, a diferença reside em sua atenção e em seu prazer contemplativo. A vida desse personagem é pontuada pelos encontros com pessoas e situações que o fazem pensar, observação e reflexões são atos contínuos nesse deambular, exterioridade e introspecção são características básicas desses personagens. As ruas da cidade moderna são o seu lugar.

As percepções durante esse caminhar, nesse espaço urbano, contemporâneo, repleto de contradições e complexidades, ficaram marcadas pelos trabalhos do filósofo Walter Benjamin, influenciado pela abordagem do flâneur do escritor Charles Baudelaire⁸ nas ruas de Paris do século XIX (GROS, 2010).

⁸ Charles Baudelaire foi um poeta francês do século XIX que descortinou, através de sua escrita lírica crítica, as consequências do avanço da urbanização em Paris, com seus novos ritmos, arquiteturas e personagens.



Figura 2 – Recantos urbanos: bairro do Poço da Panela em Recife, PE
Fonte: Chaves (2015).



Figura 3 – Cotidiano em “movimento” no bairro de Eastleigh em Nairóbi, Quênia
Fonte: D. F. da Silva, 07 mar. 2015.

Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade
Daniela Florêncio da Silva

Inserido no cenário de uma Europa marcada pelas graves consequências humanas da Primeira Grande Guerra e sob os auspícios da Segunda, Walter Benjamin “utilizou o flâneur de Baudelaire como ponto de partida para uma exploração do impacto da vida urbana moderna sobre a psique humana” (SEAL, 2013).

A multidão compõe a paisagem urbana na contemporaneidade, por isso, como mencionado anteriormente, faz parte da vivência de um flâneur. Com o desenvolvimento do capitalismo, a multidão tornou-se uma “massa” (GROS, 2010, p. 178) configurada por um ritmo apenas, o do progresso. Essa é sua feição mais visível. Uma uniformização do comportamento. Só em determinadas ocasiões transforma-se em manifestações (trabalhadores, estudantes, ativistas de direitos humanos e ambientais, entre outros) como uma convergência, agora consciente, repleta de energia por mudanças. Nela, o anonimato é comum, “o choque é reconhecer” (GROS, 2010, p. 178). Para o flâneur, a multidão é:

[...] vivenciar a experiência de um virar-mercadoria. Empurrado, arrastado por ela, fico reduzido a não ser nada além de um produto entregue a movimentos anônimos. Ofereço-me, largo-me ao tráfego. Na multidão, sempre me sinto como que consumido: pelos movimentos que se impõe ao meu corpo, os arrebatamentos que me trazem. Sou consumido pelas ruas, pelas alamedas. As placas de lojas e as vitrinas existem tão só para intensificar a circulação, a troca de mercadorias. O flâneur não consome, tampouco é consumido. Ele garimpa, ou até furta. Não recebe, como o caminhante das planícies ou das montanhas, a paisagem em paga de seus esforços. Mas ele apreende, intercepta no ar encontros improváveis, instantes furtivos, coincidências fugitivas. [...] Ele

se dissolve, de fato, na massa mecânica, mas a partir de um movimento voluntário, para dissimular-se ali (GROS, 2010, p. 179-181).

Embora seu papel não seja o de modificar as realidades contrastantes que encontra em suas caminhadas, ele então as subverte. Essa é a sua resistência. A importância de sua figura vem justamente de suas reflexões, de seu olhar que redireciona. Ele resiste “à velocidade do sistema”, “sua lentidão se transforma na condição para uma agilidade superior: a do espírito. Pois ele vai captando, no ar, imagens” (GROS, 2010, p. 180). Subverte a solidão, que para ele serve de escudo para suas observações poéticas, pois busca o anonimato. Não sente solidão em meio à “massa” uniformizada e mecânica, com encontros de olhares cada vez mais desfocados (Figura 4), “ninguém vê que ele está olhando” (GROS, 2010, p. 180).



Figura 4 – Olhares desfocados na Rua Direita, Centro do Recife, PE
Fonte: D. F. da Silva, 27 out. 2018.

Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade
Daniela Florêncio da Silva

A crítica de Walter Benjamin ao capitalismo, ainda em sua conjuntura nas primeiras décadas do século XX, embora já possuidor de um significativo alcance de destruição, evidencia na figura do flâneur a experiência do choque (BENJAMIN, 1989). Através dos “fenômenos interligados” da urbanização, do capitalismo e da multidão (D’ANGELO, 2006, p. 241), essa experiência tinha como finalidade revelar a dimensão e o impacto negativo dessa confluência de fatores. Suas observações, de acordo com a autora Rosana Biondillo (2014, p. 8-9), relatam que:

[...] com as mudanças perceptivas proporcionadas pelas novas formações sociais deflagradas a partir dos meios de produção, revela-se a crise da experiência tradicional, pois esta vai dando lugar à vivência do choque. Como um tipo que vive no limiar (*Schwelle*) entre o passado histórico – representado pelo tempo da tradição e da transmissão de experiências coletivas duradouras e compartilháveis – e o presente – representado pela vivência do choque, que marca o tempo moderno da imediatez, da repetição, da reprodução incessante e do consumo que transforma todas as coisas em mercadorias – Benjamin apresenta o flâneur como aquele que ainda dispõe de fragmentos da verdadeira experiência histórica e, por reconhecer a distância que o afasta dessa experiência, ele representa a busca por uma consciência histórica atual. Por ser um tipo social que vive no limiar entre a experiência da tradição (*Erfahrung*) e a vivência da modernidade (*Erlebnis*), mais precisamente a do choque (*Chockerlebnis*), o flâneur ainda consegue ter essa flexibilidade perceptiva que lhe confere um modo de olhar que possibilita, mais do que ver, ler tanto a cidade na história como a história na cidade, bem como seus outros tipos.

Esses choques vivenciados pelo flâneur transformam-se em “imagens poéticas” (GROS, 2010, p. 181), pois sua abordagem não é inteiramente política (SEAL, 2013). A “prosa poética flexível e nervosa” de Baudelaire surge através dos seus “choques com a grande cidade” (D’ANGELO, 2006, p. 244). A linguagem utilizada por esse autor,

transpassada pelas realidades sociais de sua época, registrou e revelou “tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu”, ressaltando “os vários aspectos que permeiam a vida de indivíduos rejeitados pela sociedade moderna” (RIBEIRO, 2010, p. 2258). Sua poesia é uma forma de resistência ou subversão à “desarticulação das relações espaçotemporais, intrínseca à modernidade” e sua “corrosão mercantilista” (D’ANGELO, 2006, p. 237).

O olhar poético de um flâneur não reduz ou ameniza a força de sua crítica, ao contrário, dá uma maior visibilidade às contradições ocultas da lógica estrutural injusta do sistema capitalista. Sua subversão é revelada através da sutileza da poesia, em suas diferentes formas: a do caminhar, a do pensar e a do olhar... Essa arte de compor versos traçados no que de materialidade o urbano exprime – ruas, becos... –, segue a harmonia complexa dos ritmos e das imagens da cidade. “A arte redireciona o olhar”,⁹ seja através de textos líricos, como as poesias, ou de imagens dispersas pela cidade, principalmente no centro urbano que “traz, para as pessoas da cidade, o movimento, o imprevisto, o possível e os encontros” (LEFEBVRE, 2016, p. 133).

Uma imagem (Figura 5) criada em 2014, pelo artista português Alexandre Farto, na fachada do edifício São Jorge na Travessa do Arsenal da Guerra no centro do Recife, expõe, claramente, essa visualização de uma poesia que busca o olhar desatento das pessoas que se movimentam nessa rua ou em suas proximidades. Para Miguel Moore (2014, p. 5):

Explorando os elementos poéticos presentes nesta narrativa crítica, Alexandre Farto escava através das camadas que compõem a nossa cultura material, pronto a expor o que

⁹ Reflexão de Cecília Brennd, fundadora do projeto social Aria em Pernambuco. Seu pensamento foi expresso no programa de televisão **Espaço PE** exibido em 21 de julho de 2018.

Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade
Daniela Florêncio da Silva

existe para lá da superficialidade das coisas, restituindo de forma simbólica significado e beleza às dimensões descartadas e efêmeras daquilo que se encontra por baixo, valorizando o mais essencial dos elementos presentes nesta equação: a vida humana. Esta sua prática questiona essencialmente a necessidade de promover a mudança pela mudança, o desenvolvimento pelo desenvolvimento sem considerar o patrimônio social, cultural e histórico destruído no seu curso.

Da superfície escavada através do olhar do artista, além dos vestígios de sua constituição antiga, surgiu a imagem de uma professora indígena da Aldeia de Araçá em Piraquara (Paraná), com o objetivo de dar visibilidade, através do espaço urbano, às comunidades tradicionais ao redor do mundo que sofrem, constantemente, processos de desterritorialização. Como muito bem ressalta o artista em seu vídeo intitulado **Incisão** (2015)¹⁰, que destaca a construção desse projeto: “estamos perdendo o que nos faz diferentes e especiais em cada canto do mundo”, cada vez mais globalizado e uniformizado. Sua arte, como ele mesmo define, busca a essência das fachadas através das camadas históricas então reveladas, como um trabalho arqueológico. É interessante pensar, que essa imagem, como exemplo, revela que a globalização, apesar de seus efeitos de fragmentação, conecta, muitas vezes em rede, as contradições e incoerências sociais produzidas, desenvolvendo resistências e movimentações.

A arte como uma produção humana está implícita na própria construção da cidade, como uma obra formada, historicamente, por diferentes grupos sociais e instituições

¹⁰ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xWioRX8j1Ws>>. Acesso em: 15 mai. 2018.



Figura 5 – Resistência em arte urbana: fachada-semblante no centro do Recife, PE
Fonte: A. F. da Silva, 16 jul. 2018.

que esculpiram o seu espaço atribuindo “ritmos”, formas, apropriando-se dela em um processo de “mediação” de “interações complexas” (LEFEBVRE, 2016, p. 58). Essa sua “especificidade”, como argumentou Henri Lefebvre (2016, p. 51), relacionada com a “aceleração dos processos”, como um “local das revoluções” (LEFEBVRE, 2016, p. 63), revela na modernidade que a cidade “não é um lugar passivo da produção ou da concentração dos capitais”, “a vida urbana”, ou seja, “o urbano”, intervém nesses processos (LEFEBVRE, 2016, p. 55), por isso tem um importante papel no direcionamento da construção de novas realidades do desenvolvimento humano. A cidade é inspiração e respiração...

Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade
Daniela Florêncio da Silva

Essas reflexões sobre o flâneur, o flânar sobre o espaço urbano e a sua compreensão ou leitura, influenciaram os pensadores das décadas posteriores, seguindo ainda os traços sociais e econômicos impressos pela modernidade, agora delineada pela conjuntura do final da Segunda Guerra Mundial e os grandes avanços tecnológicos alcançados. Surge assim, nas décadas de 1950 e 1960, o importante movimento de reflexões urbanas da Internacional Situacionista¹¹ que observou, também na cidade de Paris, um excesso de consumo e uma alienação crescente, provocados pelo capitalismo que “atuava como catalisador da corrosão social” (GOMES, 2017, p. 144). Nesse movimento, teve destaque os pensamentos de Guy Debord e seu texto-manifesto Teoria da Deriva de 1958. O deslocamento pela cidade e suas experiências, de acordo com essa teoria, assume um caráter mais ativo e direcionado ao propor mudanças nos modos de vida cotidianos e nos pensamentos relacionados às estruturas políticas. Derivar “consiste em perambular, sobretudo a pé, sem rumo predefinido, escolhendo ao acaso, ou com base em sensações e impressões extemporâneas, a direção a ser tomada a cada momento” (VISCANTI apud GOMES, 2017, p. 145).

Caminhar ao acaso ou sem uma definição de rumo para Debord, consistia em mais um “deixar levar-se” por outros olhares urbanos, do que por um movimento inconsciente (DEBORD, 1958, p. 1). Para o autor, o traçado singular de sua teoria era o procedimento psicogeográfico,¹² utilizado como “um meio de revelar e combater” (GOMES, 2017, p. 146) as alterações na paisagem urbana, realizando,

¹¹ Nesse movimento formado por escritores, arquitetos e artistas, o ponto central de suas análises era direcionado para um repensar do urbanismo, visto por eles como uma arte que inspira a criação de um meio ambiente direcionado, de forma consciente, por seus habitantes em seu cotidiano, com suas reais necessidades em um espaço re-conhecido (GOMES, 2017).

¹² A psicogeografia desenvolvida por Guy Debord na Teoria da Deriva ressaltava as consequências do ambiente urbano sobre as pessoas.

através da deriva na cidade, um mapeamento direcionado pelos sentimentos e comportamentos nesse espaço.

EM BUSCA DO SENTIDO HARMÔNICO NAS TECITURAS GEOGRÁFICAS URBANAS...

“Caminhar é uma maneira de descobrir e transformar a cidade”.
Jane Rendell apud Filipa
Matos Wulderlich (2008, p. 127).¹³

A complexidade contemporânea e o deslançar silencioso de relações desconexas entre o “eu e o espaço” (MOREIRA, 2015, p. 134), em que “as experiências fenomenológicas que temos do mundo estão sendo completamente abaladas”, desconectando “razão e percepção” (MBEMBE, 2018), transformam o olhar do flâneur em uma geografia crítica, indo além, muitas vezes, do espaço urbano. Sua descrição/percepção das realidades encontradas nas ruas das cidades revela também, a beleza e a poesia existentes, em traços que o simples vivenciar do cotidiano, através de olhos desatentos, não percebe.

Esse olhar que denuncia a lógica estrutural urbana do capitalismo, citada anteriormente, com suas fissuras socioespaciais, e a importância de outra vivência urbana, mais social e comunitária, foi desenvolvido, por exemplo, pela flânerie repleta de significados, da escritora e jornalista Jane Jacobs, com o seu “complexo balé” (JACOBS apud TAVOLARI, 2015, p. 03) nas calçadas e ruas de seu antigo bairro Greenwich Village em Nova Iorque, assim como as continuidades da cidade (BORTOLUZZI, 2012). Suas reflexões ressaltam as importantes dimensões dos sentimentos, constituintes indissociáveis da experiência humana no/do espaço, indo no sentido contrário a essa lógica estrutural urbana, abordada por ela na década de 1950

¹³ Tradução livre de: “Walking is a way of at once discovering and transforming the city”.

Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade
Daniela Florêncio da Silva

nos Estados Unidos, e percebida, claramente nos últimos anos, nos espaços urbanos ao redor do mundo.

Essa percepção poética durante as caminhadas urbanas traz à tona as importantes ferramentas de reflexão e ação das tecituras subjetivas, e o “tecer” de seus fios sensíveis... Formadas pela “emoção”, principalmente nos espaços das grandes cidades, percebidas na “escala do cotidiano” (SANTOS, 2006, p. 231), essas ferramentas, que nos fazem olhar uma segunda vez, com um ritmo mais lento nos passos, permitem a construção de realidades espaciais mais coerentes e humanas. Nesse cenário mundial que se instala progressivamente, esse “caminhar” e o olhar de um flâneur tornam-se cada vez mais, essenciais, como uma prática de rupturas e de celebração da sensibilidade humana.

O constante pensar dos geógrafos(as) com seus pés (BERQUE, 2016), lhe atribui a possibilidade, nesse desafio contemporâneo expresso nos espaços urbanos, e além deles, de ler esses espaços, em seus interstícios mais profundos, e criar estruturas de encontros, impregnadas de uma democracia poética. ☉

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa; Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERQUE, Augustin. *Écoumène: introduction à l'étude des milieux humains*. Paris: Belin, 2016.

BIONDILLO, Rosana. Walter Benjamin e os caminhos do flâneur. 2014. 140 f. **Dissertação** (Mestrado em Filosofia) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2014.

BORTOLUZZI, Camila. Quem é Jane Jacobs. **ArchDaily**, 03/10/2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-73577/quem-e-jane-jacobs>. Acesso em: 21 jul. 2018.

BRENNER, Neil. Observatório das Metrôpoles entrevista: Neil Brenner. 05/12/2018. **Observatório das Metrôpoles**. Disponível em: observatoriodasmetrololes.net.br/wp/entrevista-com-neil-brenner-urbanizacao-planetaria-teoria-critica-urbana-e-as-redes-de-pesquisa/. Acesso em: 20 abr. 2019.

CHAVES, Leandro. Lugares. **O reverso do mundo**, 2015. Disponível em: <https://oreversodomundo.com/2015/12/01/panela-poco/>.

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 56, p. 237-251, 2006.

DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. **Internacional Situacionista**, n. 2, dez. 1958. Disponível em: <https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/guy-debord-teoria-da-deriva.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

FILIPA, Matos Wunderlich. Walking and rhythmicity: Sensing urban space. **Journal of urban design**, v. 13, n. 1, p. 125-139, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, Priscyla. Por uma estética radicante: deslocamento, experiência e cidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 91, p. 143-156, 2017.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Trad. Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

GROS, Frédéric. Andar nos ensina a desobedecer. 19/09/2015. **São Paulo São**. Entrevista concedida a Leticia Blanco. Disponível em: <http://www.saopaulosao.com.br/nossos-caminhos/670-andar-nos-ensina-a-desobedecer-diz-filosofo-frances.html#>>. Acesso em: 10 set. 2017.

Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade
Daniela Florêncio da Silva

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2016.

MACEDO, Jackeline de. Os nós da arqueologia: leituras da paisagem e memória na igreja de Nossa Senhora da Saúde, Rio de Janeiro – RJ. 2011. 292f. **Tese** (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v. 12, n. 2, p. 4-19, 2003.

MBEMBE, Achille. The Great Riddance. **Mail&Guardian**, Joanesburgo, 22 jun. 2018. Disponível em: <<https://mg.co.za/article/2018-06-22-00-the-great-riddance#.WyyKnc0Umfo.facebook>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

MCGARRIGLE, Conor. Forget the flâneur. **Anais...** XIX International Symposium on Electronic Art. Sydney: University of Sydney, 2013. Disponível em: <https://ses.library.usyd.edu.au/bitstream/2123/9647/1/forgetflaneur.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

MOORE, Miguel. **Incisão**: Alexandre Farto aka Vhils. Recife: Caixa Cultural, 2014.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MUSEU Janete Costa de arte popular. n.d. Secretaria das Culturas, **Prefeitura de Niterói**. Disponível em: <https://culturaniteroi.com.br/blog/?id=2191&equ=janete>. Acesso em: 04 mar. 2019.

RIBEIRO, Cláudia Gonçalves. A memória através do olhar do flâneur. **Anais...** XIV Congresso nacional de linguística e filologia, Rio de Janeiro:

CIFEFIL, 2010. p. 2256-2267. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2256-2267.pdf. Acesso em: 07 dez. 2016.

SANTOS, Milton. Entrevista explosiva com Milton Santos. 27/05/1998. **Caros Amigos**. Entrevista concedida a Marina Amaral, Sérgio Pinto de Almeida; Leo Gilson Ribeiro; Georges Bourdoukan; Roberto Freire; João Noro; Sérgio de Souza. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/grandes-entrevistas/6047-entrevista-explosivacom-milton-santos>. Acesso em: 15 mai. 2017.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SALVADOR, Diego Salomão Candido de Oliveira. A Geografia e o método dialético. **Sociedade e Território**, v. 4, n. 1, p. 97-114, 2012.

SEAL, Bobby. Baudelaire, Benjamin and the Birth of the Flâneur. **Psychogeographic Review**, 14 nov. 2013.

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaços temporais e danças-do-lugar. Trad. Paulo Mauricio Rangel Gonçalves. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 4-18, Inverno. 2013.

TAVOLARI, Bianca. Jane Jacobs: contradições e tensões. **Anais...** XVI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belo Horizonte: ANPUR, 2015. p. 1-13. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306057018_Jane_Jacobs_contradicoes_e_tensoes. Acesso em: 21 jul. 2018.

WUNDERLICH, Filipa Matos. Walking and rhythmicity: sensing urban space. **Journal of Urban Design**, v. 13, n. 1, p. 125-139, 2008.

Submetido em Agosto de 2019.

Revisado em Março de 2020.

Aceito em Setembro de 2020.